

Seguindo o raciocínio de Stuart Hall (2006, p. 67), a globalização é um processo que “[...] atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. Eric Hobsbawm (1995) identifica, nesta imensa aproximação entre culturas e entre economias, o globo como uma das unidades operacionais possíveis.

**Oswaldo Augusto de Oliveira
Rosa Gouvêa de Sousa**

Impacto da globalização sobre ideias de cultura

Impact of globalization about culture ideas

OSVALDO AUGUSTO DE OLIVEIRA*
ROSA GOUVÊA DE SOUSA**

Resumo

Cada época da humanidade se caracteriza por um conjunto de novas potencialidades que modificam os equilíbrios preexistentes, impondo-se quase como lei sob os sistemas. Na realidade contemporânea, um dos paradigmas utilizados é a globalização, sendo, por meio dela, explicados vários fenômenos. Tais paradigmas se expressariam no espaço geográfico, na formação social, na divisão social do trabalho, no avanço técnico-científico, na cultura, na política e na economia. Para construção dessa ideia, a categoria escolhida foi cultura, pois possibilita trabalhar com a questão da globalização e com os impactos que esta tem no local, no nacional e no internacional, evidenciando assim a ligação entre globalização e as ideias de cultura e de identidade.

Palavras-chave: Identidade; Globalização; Cultura.

Abstract

Each human era is identified by a set of new potentialities that change the current balance, imposing itself almost as a law under systems. In the contemporary truth, globalization is used as a paradigm, which explains many phenomena. Those paradigms would be expressed in geographic space, in social formation, in social labor share, in science and technical-innovation, in culture, in politics and in the economy. To build this idea, culture has been chosen as the right category, that allows the discussion about globalization issues and their impacts in local, national and international culture, making clear the link between globalization and identity in the culture context.

* Mestrando em Bens Culturais e Projetos Sociais, do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas – RJ; E-mail: zado13@hotmail.com.

** Mestranda em Bens Culturais e Projetos Sociais, do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas – RJ; E-mail: gouveasousa@uol.com.br.

Keywords: Identity; Globalization; Culture.

Introdução

Cada época da humanidade se caracteriza por um conjunto de novas potencialidades que modificam os equilíbrios preexistentes, impondo-se quase como lei sob os sistemas. Na realidade contemporânea, um dos paradigmas utilizados com frequência por autores acadêmicos é a globalização, sendo, por meio dela, explicados vários fenômenos. Qual seria, então, esse conceito na atualidade?

De acordo com autores como Stuart Hall (2006), a globalização aconteceria há muito, pois os referenciais das várias épocas possibilitavam uma percepção de expansão a partir do avanço técnico-científico que as sociedades conquistavam. A rigor, a “economia global” existiria desde finais do século XVI, época das “descobertas intercontinentais” pelos europeus, com viagens de exploração à África, Ásia e Américas. Essa expansão recebe destaque pelas repercussões geradas tanto para os “colonizadores” quanto para os “colonizados”.

No entanto, iremos trabalhar nesse texto a globalização do final do Século XX ou “breve século XX”, alcunha dada pelo historiador Eric Hobsbawm para descrever o fenômeno da globalização no século recém-findo. Utilizaremos o conceito descrito por Milton Santos (2005, p. 144) que seria um estágio da internacionalização, já com a amplificação em “sistema-mundo”. Agora, todos os lugares e todos os indivíduos estariam implicados, embora em graus diversos.

Na sua dimensão de totalidade, tal paradigma se expressaria por suas funcionalizações. “O espaço geográfico, a formação social, a divisão social do trabalho, o avanço técnico-científico” (SANTOS, 2005, p. 145), e “(...) a cultura, a política e a economia” (ZIGLIO; COMEGNA, 2005, p. 91) seriam partes deste todo. E por meio delas, chegaríamos às potencialidades que esse novo paradigma trouxe para conseguir desequilibrar o sistema anterior que acontecia.

Para tal construção de ideias, optamos por trabalhar com uma única categoria a fim de se conseguir aprofundar em certos temas. A escolha recaiu sobre a cultura, por entendermos que esta nos possibilita trabalhar com a questão da globalização, ultrapassando o imaginário de que haverá um futuro único e homogêneo. Assim, conseguimos avançar para uma discussão acerca dos impactos que a globalização tem na identidade local, nacional e internacional.

Como cultura é uma categoria eivada de interpretações, optamos por trabalhar com o conceito de identidade cultural, discutido por Stuart Hall (2006) em seu livro *Identidade cultural na pós-modernidade*. O autor descreve a questão da identidade cultural como algo dissecado pela teoria social. Hall, ao analisar a construção histórica das identidades culturais, observa a interpretação de autores a partir da lógica da substituição. Assim,

velhas identidades dariam lugar a novas identidades. No mundo moderno, caberia à fragmentação do indivíduo essa nova reorganização identitária.

O antropólogo Franz Boas (2006, p. 106-107) chama atenção para o cuidado que se deve ter ao trabalhar com a categoria cultura, pois, existe uma imbricação entre as várias formas de cultura existentes, tornando inócuas tentativas de se uniformizar *cultura*. Com isso, o presente trabalho avaliou, por meio dos apontamentos dos autores apresentados, o impacto da globalização sobre as ideias de cultura.

Globalização

Segundo o raciocínio de Stuart Hall (2006, p. 67), a globalização é um processo que "(...) atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado". Eric Hobsbawm (1995) identifica, nesta imensa aproximação entre culturas e entre economias, o globo como uma das unidades operacionais possíveis.

A globalização envolve um movimento "(...) de distanciamento da ideia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem delimitado" (HALL, 2006, p. 67). Novas formas *temporais* e *espaciais*, representadas na percepção de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais. Resultariam dessa perspectiva: a desintegração das identidades nacionais, o reforço das locais e o fortalecimento de identidades *híbridas*.

Se existe o entendimento da globalização enquanto algo que uniformizará o mundo, segue como raciocínio que questões nacionais como nossas identidades seriam substituídas por algo único. Como em um processo de disputa contínua, esse algo não seria do outro, mas uma mistura, o *híbrido*. Ao identificarmos o conflito e as resistências advindas desse jogo, ficaria ao espaço micropolítico a fonte de resiliência. O local reforçaria aquilo que nos torna semelhantes ao outro, no caso seria o outro próximo espacialmente e temporalmente. As identidades seriam formadas por aspectos compartilhados nessas duas dimensões, mas no âmbito do local.

Fica, então, o sentimento do que hoje seria o local. Essa compressão tempo-espaço tem impacto na globalização, nas identidades nacionais e na aceleração dos processos globais, de tal forma que "(...) se sente que o mundo é menor e as distâncias são mais curtas" (HALL, 2006, p. 69). A sensação que se tem é que o que acontece em um determinado lugar tem impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Com relação ao pós-moderno dentro da globalização, alguns teóricos deduzem que o resultado desses processos globalizados tornaria fraco ou acabaria com as formas nacionais de identidade cultural. Hall (2006, p. 70-71) explica que teóricos argumentam que haveria o arrefecimento de identificações nacionais em contraposição a um fortalecimento de laços *acima* e *abaixo* da nação. Nesse sentido, não haveria o prejuízo de direitos

legais e de cidadania, mas identidades comunitárias se tornariam mais importantes. Esse deslocamento de eixo seria o causador do enfraquecimento do nacional.

Argumentar que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando à diminuição de todas as identidades culturais e, que essa tendência está produzindo fragmentos de códigos culturais, com muitos estilos, muitas diferenças, formando o pluralismo cultural, numa ordem global, faz-se refletir sobre o que poderíamos chamar de pós-moderno global?

O dinamismo do fluxo cultural somado ao valor do consumo no mundo global potencializa o compartilhamento de identidades com outros antes distantes. “Na medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas” (HALL, 2006, p. 74). Cada lugar no mundo globalizado está sujeito a receber informações sobre códigos culturais de todas as partes do mundo.

Quanto mais a sociedade é assistida pelo mercado global, no que diz respeito aos estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação que são ligados entre si no sistema global, mais as identidades de cada grupo se tornam desligadas e abandonadas “(...) de tempos, lugares, histórias e tradições específicos, elas parecem flutuar livremente” (HALL, 2006, p. 75).

De certa forma, cabe ressaltar que as identidades nacionais reproduzem a imagem de ligação com regiões, eventos, símbolos e histórias específicas. Essas características representam o que algumas vezes é chamado de “(...) uma forma particularista de vínculo ou pertencimento” (HALL, 2006, p. 76). Ainda sob o raciocínio de Hall, sempre houve uma tensão entre essas identificações particulares e identificações mais universalistas. Esta tensão continuou a existir ao longo da modernidade.

O crescimento das nações, das economias nacionais e das culturas nacionais continua a dar um foco para a identificação particular, enquanto a expansão do mercado mundial e da modernidade como um sistema global dirige o foco para a identificação universalista.

Local e global

A discussão sobre globalização, como já dito anteriormente, recai sobre vários aspectos. Santos (2005, p. 147) refere-se aos territórios nacionais, quando esses se transformaram em “espaços nacionais da economia internacional”. A rápida circulação de informações, o avanço técnico, a reorganização e os novos recortes dos territórios nacionais e a crescente tensão proporcionada pela disputa desses espaços, potencializariam a globalização.

Com isso, o mundo ofereceria as possibilidades e o local, as ocasiões. Ainda segundo Santos (2005, p.153) “Embora os novos suportes materiais

da vida tendam universalmente a se estabelecer em toda a parte, sua utilização criará situações diferentes, com o processo de refundição das regionalizações seguindo seu curso". Em que medida cada sociedade local poderá incorporar aquilo dado pela globalização, sem comprometer sua identidade, ao mesmo tempo em que não recusa sua participação nesse processo?

Como as diversas localidades são espaços do mundo, cada uma está à procura de um equilíbrio que não comprometa suas necessidades particulares, ao mesmo tempo em que leve em conta suas aspirações próprias de sua coletividade local. Unificação? Fragmentação? Qualquer que seja a situação, as necessidades estão presentes com manifestações diversificadas. Haverá dominância? Onde?

Para Santos (2005, p.154), "(...) o processo de unificação se faz por redes, de forma diversificada e acelerada". Isso poderia contribuir para a unidade, mas segundo o autor, há antes uma unificação como resposta à globalização, repercutindo em um processo de fragmentação. De acordo com o autor, o que se apresenta é uma questão moral. Ao se supor que existiria um parâmetro universal e de vontade de medida universal para as sociedades, poderia se exigir das diferentes sociedades apenas um *telos*? E o autor segue adiante dizendo que se teria que fazer tábula rasa dos bens culturais para responder afirmativamente a questão.

Exemplo disso seria o questionamento de equidade discutido pela Comissão Mundial sobre as Dimensões Sociais da Globalização, instituída pela Organização Internacional do Trabalho. Essa organização em seu relatório de 2004 descreve o processo de globalização atual e que este estaria produzindo resultados desiguais entre os países e no interior dos mesmos, com distribuição desigual de riquezas. A Comissão alerta que essas desigualdades globais seriam "(...) inaceitáveis do ponto de vista moral e insustentáveis do ponto de vista político" (ILO, 2004, p. 40).

Questão moral? Questão cultural?

Ao se questionar sobre essa unificação do mundo e logo após sobre essa sensação de tábula rasa, muitas são as respostas dadas. Do discurso preservacionista, oscilando de microculturas étnicas a grandes culturas nacionais, passando por "classismos", até os regionalismos, todos como forma de equilibrar o que já foi conquistado com o que está por vir. De acordo com Ziglio e Comegna (2005, p.94), a "maior visibilidade de manifestações étnicas, regionalistas ou originárias de sociedades ditas excluídas, indo do cinema iraniano à literatura africana" ficariam em destaque.

Mike Featherstone (1990, p. 7) vai além falando a respeito de uma terceira cultura, que seria a produção do encontro entre a cultura local e a cultura global, sendo entendida como um "conjunto de práticas, conhecimentos, convenções e estilos de vida que se desenvolvem de modo a se tornar cada vez mais independentes dos Estados-nação de origem".

Como a globalização é um paradigma importante na nossa atualidade, fica clara a sua intervenção no nosso cotidiano e na cultura, bem como os ruídos que perpassam tal tema. Rolnik (1997, p. 19) aponta para a subjetividade envolvida no processo de globalização e de cultura. Ela intensificaria as misturas ao mesmo tempo em que fragilizaria identidades já existentes, produzindo “kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc”.

Conclusão

Em nossa conclusão gostaríamos de citar como exemplo de impactos da globalização sobre ideias de cultura, a experiência do antropólogo Hermano Vianna, cuja discussão estaria próxima aos cuidados levantados por Ziglio e Comegna (2005) a respeito do destaque atual a certas identidades culturais. Segundo Vianna (2006), a novidade mais importante da cultura brasileira, na década de 2000, “foi o aparecimento da voz direta da periferia, falando alto em todos os lugares do país”.

A periferia “cansou” de esperar a oportunidade que nunca chegava e que viria de fora, do centro. Ela não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo. O referencial procurado não está mais no outro ou no “colonizador”, mas em si mesmo, ou seja, no local e nas suas relações com o mundo.

A cultura não é homogênea e não deve ser discutida como expressão de um dado padrão. Se existem diferenças originadas pela distribuição desigual de riquezas, existe também, em um outro lugar, diferenças advindas de um acúmulo histórico e de culturas que perpassam sentidos para além da economia. Ressalta-se assim, que a “economia global” não prediz a cultura e não justifica pelas diferenças de identidade a iniquidade trazida pela distribuição desigual.

Seguindo com o exemplo, a globalização não pede o fim das menções de um determinado lugar ou região, mas as inscreve novamente num setor em que as referências não mais possam se definir pelo isolamento nem tampouco pela condição daquilo que se acha compreendido no território de um Estado.

Assim o universo globalizado tanto figura como desfigura, tanto exige como resiste à identidade do local autêntico, do independente. Então, temos uma indicação da ligação entre globalização e identidade: a afirmação, defesa ou contestação de identidades são constituintes integrais da globalização contemporânea, porque as identidades são, em alguns momentos, as desavenças da globalização.

As identidades reagem numa tentativa de reajustar o espaço e o tempo aos efeitos desestruturadores da globalização, buscando em raízes do passado ou no ideal do presente uma forma de neutralizar o sentimento de ansiedade

ou pânico ante a incerteza, a instabilidade e a permanente redefinição das regras e cenários que se instalam em nome da globalização.

Concluimos, ressaltando, que os cenários da globalização não remetem a um sistema centrado e governado a partir de um único conjunto de critérios e nem assumem o custo da homogeneização das diferenças. Então, os desafios que têm estado entre os maiores dilemas e contradições do momento contemporâneo referentes à globalização são: o modo de repartição dos recursos destinados à sociedade (relevante para os diferentes grupos que buscam inclusão, justiça ou reconhecimento); e produzir uma base para suportar as diferenças no contexto da comunidade nacional e das culturas regional e local.

Referências

- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.
- HOBBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX (1914–1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ILO, World Commission on the Social Dimension of Globalization. **A fair globalization: Creating opportunities for all**. Geneva: International Labour Organization (ILO). 2004.
- VIANNA, Hermano. Manifesto de Hermano Viana. 2006. **Overmundo**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/blogs/manifesto-de-hermano-vianna>>. Acesso em: 7 jan. 2008.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: **Cultura e subjetividade: saberes nômades**, Daniel Lins (Org.). Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 19-24.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ZIGLIO, Lai; COMEGNA, Maria Ângela. **Cultura e globalização**. Rio Claro: Estudos Geográficos, v. 3, n. 2, 91-102, Dezembro, 2005.